

OS (DES) AFETOS DA INTELIGÊNCIA... O POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE COGNIÇÃO E AFETIVIDADE

THE (DIS) AFFECTIONS OF INTELLIGENCE... THE POSSIBLE DIALOGUE BETWEEN COGNITION AND AFFECTIVITY

Fausto Eduardo Menon Pinto¹

¹ Autor para contato: Rua Nova Aliança, 164 - Bairro Novo Cambuí, Campinas, SP,
Brasil; e-mail: faustomenon@bol.com.br

Recebido para publicação em 03/06/2004

Aceito para publicação em 17/11/2004

RESUMO

O artigo tem como intenção discutir a relação entre cognição e afetividade na Psicologia. Para sua realização, apresenta-se no material um retrospecto acerca da divisão entre mente e corpo, razão e coração nas premissas filosóficas cartesianas para somar-se na discussão o entendimento da cognição e da afetividade no enfoque da Psicologia Básica. Ao final do artigo, sugere-se a compreensão do tema a partir de um possível diálogo entre essas duas dimensões psíquicas.

Palavras-chave: Psicologia, funcionamento psicológico, cognição, afetividade

ABSTRACT

The intention of this article is to discuss the relationship between cognition and affectivity in the Psychology. In order to accomplish this a retrospect concerning the division of mind and body, reason and heart in the Cartesian philosophical premises is presented in this study, so that the understanding of cognition and affectivity through Basic Psychological is added to the discussion. At the end of the article it is suggested that the subject can be comprehended through a dialogue between these psychological dimensions.

Key word: Psychology, psychological functioning, cognition, affectivity

Introdução

“Si el siglo pasado ha sido, para la psicología, en del estudio de la afectividad y la inteligencia por separado, el presente siglo será, sin duda, el de su estudio conjunto y ello conducirá a cambios muy importantes, no sólo en el terreno de la teoría sino también en el de la aplicación, que repercutirán en la vida cotidiana”.

Sastre e Moreno

Este texto apresenta, resumidamente, uma discussão acerca do funcionamento psicológico de seres humanos, mais precisamente nos papéis da afetividade e da cognição na organização psíquica humana. Pensando nisso, para tal debate arrolam-se alguns conceitos advindos da Filosofia e outros provenientes da Psicologia Básica.

A partir dos diversos aspectos teóricos, preocupa-se em viabilizar um caminho para a reflexão psicológica de novos conceitos sobre a alma humana que consigam conceber a cognição e a afetividade como dimensões psíquicas interligadas e frutos de um mesmo processo no funcionamento psicológico.

Mente e corpo, razão e coração: uma breve visão cartesiana

Para começar a discussão, há um bom tempo sabe-se que a Psicologia, como um corpo particular de conhecimento, começou a ganhar seu *status* de cientificidade graças aos primeiros pensadores da alma humana, isto é os filósofos. De maneira particular, graças a um pensador em especial chamado de René Descartes (1596-1650).

Em sua época, Descartes julgou que a construção do conhecimento filosófico não se deveria ater aos preceitos dogmáticos rígidos da religião, que tinha dominado o pensamento durante séculos na Idade Média, e sim ser expresso por princípios mais simples. Para isso, o pensamento reflexivo seguiria uma ordem pré-estabelecida: do mais simples ao mais complexo (Sá, 1996; Honderich, 1995).

Um outro conceito-chave que fora também detalhado por esse filósofo representa a noção dual entre

corpo e espírito, isto é a matéria, para ele, estaria sempre separada do espírito, gerando assim a máxima tão conhecida do dualismo cartesiano: uma realidade física que se opõe paradoxalmente à realidade mental (Descartes, 1998; Gandra, 1993). Ou seja, de uma matéria (realidade física) pode-se cortar pedaços cada vez menores, enquanto que com um pensamento (realidade mental) não se pode aplicar tal julgamento divisorio (Benítez e Roubles, 1993; Rechtand, 1994; Sevilla, 1993).

Quanto à mesma realidade mental, precisamente às paixões humanas, Descartes (1956, p. 124) deduz que...

...é necessário notar que o principal efeito de todas as paixões nos homens, é o incitarem e disporrem a sua alma a querer as cousas, preparando para isso o seu corpo: de sorte que o sentimento de medo o incite a querer fugir, o da ousadia a querer combater, e assim por diante.

Ainda quanto às mesmas paixões humanas, para Descartes a via complexa afetiva poderia ser resumida em seis paixões elementares sobre as quais derivam as demais. Seriam elas: amor, ódio, desejo, alegria, tristeza e admiração. Nota-se que com isso os afetos parecem exercer um papel fundamental na coordenação do saber filosófico-cartesiano (Descartes, 1956; Garrido, 2000). De acordo com a idéia anterior, o próprio Descartes (1999, p. 63) em suas intermináveis meditações “se apercebe” com um ser pensante e que “...dúvida, que afirma, que nega, que entende poucas e ignora muitas coisas, que ama, que odeia, que quer, que não quer, que imagina também e que sente”.

Apesar disso tudo, pelo que parece, na filosofia cartesiana, ainda se tende a conservar o juízo de que “... as afecções humanas são fenômenos de perturbação espiritual e a razão tem a tarefa de vencer as paixões, a imaginação, a visão” (Matos, 1997, p. 113). Em suma, a afetividade estaria representada simplesmente como uma mera *paixão da alma*, de tal modo que se procuraria enfatizar muito mais a função racional do que a própria afetividade em si mesma. Em algumas palavras, “...la más graves limitaciones de la teoría de Descartes tengan su origen en la concepción puramente pasiva y ‘sensitivista’ de la emoción (...) como a ‘una pasión del alma’” (Lyons, 1993, p. 13).

Além do mais, de acordo com Lyons (1993), a influência do pensamento cartesiano foi decisiva, desde a época do renascimento até os dias atuais, ao se decompor *mente e corpo, razão e coração* como entidades dissociadas entre si mesmas. Isto é, as propriedades afetivas não poderiam ser concebidas em igualdade com a faculdade da razão; por conseguinte, o pensamento não seria produto da afetividade. Por isso tudo, entende-se que, na óptica cartesiana, para se realizar um conhecimento válido, ou melhor dizendo, digno de ser verdadeiro, o ser humano deve se aproximar em um plano psicológico pautado somente pela razão, subtraindo, nesse caso, qualquer estado subjetivo, onde se lêem a sensibilidade, a intuição, as emoções, os sentimentos e os afetos.

Inteligência e afetividade: um possível diálogo em discussão

Como uma definição clássica, a inteligência é abordada, constantemente, como um conteúdo psicológico que descreve os processos subjetivos, realizados pela alma humana, envolvidos no ato de pensar, possibilitando assim ao ser humano conferir um significado cognitivo aos mais variados objetos, sejam eles de características animadas e/ou inanimadas, bem como as experiências vividas (Horn, 1999; Butcher, 1981). Conforme então se explica, a inteligência é uma das funções psicológicas que confere ao ser humano a capacidade de “...prestar atenção, guardar os fatos, associá-los entre si, deduzir, induzir, concluir, isto é, raciocinar” (Barcellos, 1982, p. 75).

Prosseguindo a definição, só que agora em se tratando dos estados afetivos, Doron e Parot (2001, p. 35) o definem como...

... a subjetividade de um estado psíquico elementar inalisável, vago ou qualificado, penoso ou agradável (...) englobando estados diversos como as emoções, as paixões, os sentimentos, ansiedade, angústia, a tristeza, a alegria, e até as sensações de prazer e de dor.

É nesse sentido também que se costuma definir a afetividade como o conjunto de *sentimentos e emo-*

ções, sendo de modo que...

...as emoções são fenômenos afectivos internos que surgem geralmente de forma brusca e que também rapidamente se desvanecem. Os sentimentos são fenômenos afectivos estáveis que resultam, em regra, da intelectualização das emoções... (Rodrigues *et al.*, 1989, p. 15)

Do mesmo modo, pode-se afirmar que a afetividade vem a organizar o conhecimento em termos de uma atribuição valorativa a objetos e/ou pessoas e/ou experiências, tais como tristeza, alegria, amor, ódio, amizade, ciúme, inveja e afins. Por esse entendimento, é sabido que o conhecimento humano advém em parte pela ação do intelecto, mas está englobado pelas vivências afetivas do ser humano, possibilitando-o a experimentar uma porção de estados de ânimo, que influenciam expressivamente a sua condição humoral.

Veja bem, embora se procure muito enfatizar a inteligência e a afetividade, parece que ainda que se tenda, grosso modo, a propor uma explicação “cognitivizada” da experiência afetiva: a afetividade compreender-se-ia então como um subproduto da cognição, passando a tão-somente existir por intermédio da função intelectualiva. De uma outra maneira, a afetividade seria aferida como uma dimensão psicológica que poderia *prejudicar*, e até *interferir negativamente*, a qualidade do pensamento na hora de se analisar uma dada experiência pessoal ou talvez um assunto qualquer.

Por referência a isso, a dimensão afetiva seria comparada a um “desafeto à inteligência”. Para dizer de um outro modo todo especial...

Se a afetividade sempre foi vista como aquilo que em nós sente de maneira profunda e experimenta emoções, houve tendência para considerar que ela constituía, no sujeito, uma espécie de setor à parte, em todo o caso, distinto e oposto à atividade de conhecimento. (Dolle, 1993, p. 122)

Nessa descrição, a afetividade seria vista sob um substrato cognitivo, aliás somente pelas funções intelectivas, tendendo-se a sublinhar que os estados afetivos, oriundos de fenômenos subjetivos da alma, estão sempre separados da cognição e assim vice-versa.

Nesse momento, é válido começar a refletir na definição que se tem atribuído à afetividade, pois senão ela sempre será compreendida pela “visão cognitiva” na medida em que...

Ou a afetividade, em sua especificidade, é energia pura e, nesse caso, deve passar pelas estruturas para se manifestar (...) ou então ela possui suas próprias estruturas e, nesse caso, tem de ser considerada como realidade autônoma e paralela à inteligência. (Dolle, 1993, p. 103)

Em vez disso, acredita que se deva incorporar, no saber psicológico, novos conceitos a respeito do funcionamento da alma humana em que tampouco possam fragmentá-la em dimensões dissociadas entre si mesmas, especificamente *razão* e *coração*. É assim que, de modo muito recente, parece que se começa a questionar que a *cognição* e a *afetividade* estão em um diálogo dinâmico no psiquismo, bastando-se lembrar que elas possuem dimensões psíquicas de características particulares, mas que têm correlação psicológica. Finalmente, procura-se conceber uma realidade teórica-psicológica em que se olhe o ser humano sendo o produto dinâmico de processos intelectuais e também afetivos.

Nesse mesmo tema de debate, começam a surgir alguns questionamentos atuais acerca do papel da dimensão afetiva na organização do pensamento, procurando-se com isso romper a dicotomia entre *razão* e *coração* (Arantes, 1998, 2000; Araújo, 1998, 2003; Sastre e Moreno, 2002). Assim sendo, todos esses estudos expõem que a organização do pensamento pode ser influenciada tanto pela cognição, quanto pela afetividade. Diante desse quadro teórico, lê-se que a afetividade coabitaria psiquicamente em igual proveito com a cognição e teria ela um valor estimável na organização do raciocínio humano, possibilitando-se afirmar haver uma interação dinâmica entre cognição e afetividade.

Através disso tudo, passa-se a supor, se bem que de modo inicial, que a afetividade e a cognição funcionem então...

... como peças conjuntas de um processo único no funcionamento psicológico, sendo assim de pouco valor dividi-las em fragmentos dissociados

entre si. Em cada experiência, o ser humano é cognitivo-afetivo ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis ‘mais’ afetivo ou ‘mais’ cognitivo, ou quem sabe ambas as duas somadas. Ou seja, sendo inseparáveis. (Pinto, 2004, p. 109)

Com alusão à afetividade, passa-se a caracterizá-la como uma dimensão psicológica que compõe a organização do funcionamento psíquico, o que significaria dizer que ela estaria em um complexo universo psíquico de significados simbólicos. Pelo que é provável, ela estaria unida ao domínio do íntimo e pessoal, do mundo privado e subjetivo, e dos conteúdos psicológicos. Por base em tal discussão, acredita-se que os seres humanos agem psicológico-afetivamente às experiências da vida. É por assim dizer que...

Neste significado, a afetividade consegue englobar uma porção de estados de ânimo e, além do mais, englobando uma organização viva de significados e conteúdos psicológicos; como tristeza, amor, paixão, inveja, desesperança e outros mais. (Pinto, 2004, p. 25-26)

Sobre tal visão, os afetos receberiam um novo afa à estruturação do conhecimento psicológico humano. De uma simples *energética*, passam a ganhar o *status* de induzir a padrões de pensamento cada vez mais complexos (Pinto, 2004). Com relação a isso, enfatiza-se que é sumamente importante entender a afetividade como um estado psicológico dinâmico e, ao mesmo tempo, complexo, o que parece implicar, de agora em diante, que não há supostamente um pólo afetivo tão definido, como amor ou ódio, alegria ou tristeza, mas sim uma complementaridade dinâmica entre ele, ou seja, amor e ódio, alegria e tristeza.

De algum modo, todo esse quadro teórico pode ser exemplificado com alguns dados empíricos provenientes de pesquisa atuais (Pinto, 2004; Martins, 2003; Arantes, 1998, 2000), os quais vêm sugerir que questões dilemáticas, cujo conteúdo é de natureza moral, encontradas em uma situação conflitiva em que há uma contextualização afetiva, comportam um universo diversificado de respostas e de raciocínios, apontando assim para uma complexidade na organização do pensamento humano.

Esse debate inicial ajuda a procurar entender a

complexidade do raciocínio humano, ao se considerar as inúmeras variáveis que podem interferir no julgamento dos sujeitos em presença de uma situação conflitiva, sobretudo àquelas que contenham uma característica afetiva. Toda essa discussão assinala que a afetividade é sintetizada como um conteúdo particular na organização psíquica do sujeito psicológico. Desse modo, supõe-se de maneira hipotética e teoricamente que o ser humano possa ser concebido como um sistema vivo, complexo e dinâmico, com correspondência associativa entre os conteúdos cognitivos e afetivos, no âmbito do seu funcionamento psíquico.

Com base na idéia anterior, acredita-se que no funcionamento psicológico as duas estruturas supracitadas estejam dinâmica e intimamente participando da valoração quantitativa e qualitativa da realidade (subjetiva e/ou objetiva) do ser humano. A questão-problema agora estaria em conceber ambas as dimensões de forma integral e não tentar impô-las um caráter de maior ou de menor grau no funcionamento psicológico, e sim alocá-las num diálogo psicológico, assim como um “afeto da inteligência”.

Porém, hoje em dia a dificuldade de consentimento deste olhar de “integração”, entre a cognição e a afetividade, para a estruturação de pressupostos teóricos e pesquisas experimentais, reside no enlace em que as Ciências, chamadas de Naturais, impuseram às demais Ciências – se não bastasse às Humanas – geradas pela concepção de que todos os objetos do universo estão em um espaço pré-determinado e funcionando segundo um princípio, ou uma lei geral.

Por assim falar, no desenvolvimento de uma ciência que estude os fenômenos psíquicos, é natural pensar que o caráter qualitativo, onde se lê um universo subjetivo de representação psicológico-cognitivo-afetivo, permaneceu em um segundo plano, sem maiores destaques. Em meio a tudo isso, passou-se a decompor o conhecimento psicológico em fragmentos isolados e dissociados entre si, tal qual faz o pensamento filosófico-cartesiano. Pelo que se diz se estuda-

ria a afetividade ou a cognição, e jamais as duas juntas, em pleno diálogo dinâmico e construtivo.

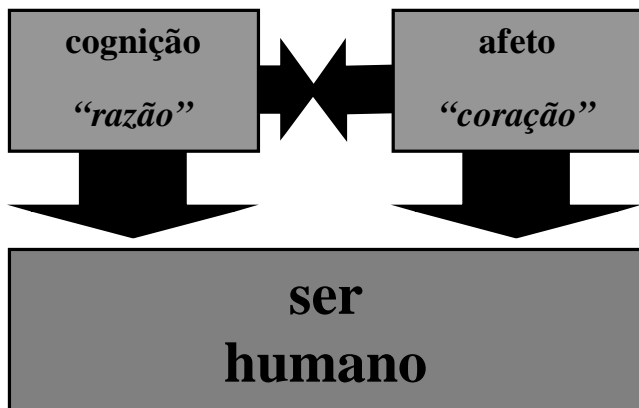
Considerações finais

Pelo que foi analisado até aqui, não se espera em desconsiderar aquilo que uma infinidade de autores na área da psicologia têm expressado sobre a cognição, nem tampouco a afetividade, uma vez que seria insensível e improvável tal imprudente tarefa. Ao contrário disso, assevera-se que as duas estruturas ou dimensões psicológicas (afetividade e cognição) funcionem de maneira dinâmica e construtiva, sendo então de pouca importância dividi-las em fragmentos dissociados. Entende-se que, em cada experiência diária, o ser humano é cognitivo-afetivo ao mesmo tempo; estando em proporções variáveis mais afetivo ou mais cognitivo, ou ambas somadas. Hipótese psicológica inicial a ser desenvolvida na elaboração de próximos ensaios e pesquisas.

Em razão de toda essa discussão, hipotetisa-se que a afetividade poderia ser mais bem explorada, definindo-a tal qual fosse não apenas um estado puro e simples da alma humana, e decerto como uma dimensão psicológica com características singulares e formas particulares de organização psicológica. Investido nesse fim, em um futuro próximo, as pesquisas psicológicas devem ser colocadas em prática, cuja finalidade será aprimorar todo esse conjunto de questionamento; explorando assim novas proposições teóricas e procurando integrar novos conceitos ao debate acadêmico.

A bem dizer, espera-se também que, com o prover dos anos, a evolução teórica de alguns conceitos-chave da Psicologia passe a um estágio de juízo mais complacente com a realidade do ser humano; e que não se continue a separação entre coração e razão no funcionamento psicológico.

Anexo

**Ser humano psicológico...**

A figura acima procura introduzir uma visualização gráfica quanto à formação psicológica do ser humano. Entende-se que o ser humano seja composto, dentre as tantas dimensões psicológicas, pela cognição e pela afetividade, sendo que essas duas participam diretamente do funcionamento psicológico humano de forma complementar e intercomplementar. A partir do mencionado, nesse esquema pode-se notar a idéia de “complementaridade” (ou dinamismo) pela inclusão de setas que saem e chegam das duas dimensões ao ser humano e assim vice-versa.

REFERÊNCIAS

1. ARANTES, V. A. **Modelos organizadores na resolução de conflitos morais: um estudo intercultural com estudantes brasileiros e catalães**. Barcelona: Facultat de Psicologia, 1998 (Credits de Recerca).
2. ARANTES, V. A. **Estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais**. Barcelona: Facultat de Psicologia, 2000 (Tese de Doutorado em Psicologia).
3. ARAÚJO, U. F. **O sentimento de vergonha como um regulador moral**. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Instituto de Psicologia, 1998 (Tese de Doutorado em Psicologia).
4. ARAÚJO, U. F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: ARANTES, V. A. (org). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.
5. BARCELLOS, F. **Psicologia geral e infantil**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1982.
6. BENÍTEZ, L.; ROUBLES, J. A. **El problema de la relación mente-cuerpo**. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, 1993.
7. BUTCHER, H. J. **A inteligência humana**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
8. DESCARTES, R. **O discurso do método e Tratado das paixões da alma**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1956.
9. DESCARTES, R. **Os princípios da filosofia**. Lisboa: Guimarães Lisboa, 1998.
10. DESCARTES, R. **Meditações sobre filosofia primeira**. Campinas: CEMODECON – IFCH/Unicamp (Tradução: Fausto Castilho), 1999.
11. DOLLE, J-M. **Para além de Freud e Piaget – referenciais para novas perspectivas em psicologia**. Petrópolis: Vozes, 1993.
12. DORON, R.; PAROT, F. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Ática, 2001.
13. GAMBRA, R. **História da filosofia**. Lisboa: Planeta, 1993.
14. GARRIDO, I. **Psicología de la emoción**. Madrid: Síntesis Editorial, 2000.
15. HONDERICH, T. **The oxford companion to philosophy**. New York: Oxford University Press, 1995.
16. HORN, R. **La inteligencia**. Madrid: Acento Editorial, 1999.
17. LYONS, W. **Emoción**. Barcelona: Anthropos, 1993.
18. MARTINS, S. M. P. **Juízo e representação da ação moral: um estudo na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento**. Campinas: FE/Unicamp, 2003 (Dissertação de Mestrado em Educação).
19. MATOS, O. **Filosofia – polifonia da razão**. São Paulo: Scipione, 1997.
20. PINTO, F. E. M. **Por detrás dos seus olhos: a afetividade na organização do raciocínio humano**. Campinas: FE/Unicamp, 2004 (Dissertação de Mestrado em Educação).
21. RECHTAND, M. Considerações sobre o método cartesiano em suas relações com as ciências humanas e sociais. **Cadernos de Metodologia**, v.1, n. 1, p. 11-17, 1994.
22. RODRIGUES, C. *et al.* **Afectividade**. Porto: Autores e Contraponto Edições, 1989.
23. SÁ, R. de. As razões da dúvida em Descartes. **Revista do Departamento de Psicologia (UFF)**, v. 8, n. 3, p. 58-64, 1996.
24. SASTRE, G.; MORENO, M. **Resolución de conflictos y aprendizaje emocional**. Barcelona: Gedisa, 2002.
25. SEVILLA, J. G. El dualismo cartesiano. In: QUIÑONEZ, E. *et alii.* **Historia de la psicología**. Madrid: Tecnos, 1993.